Breve ensaio sobre lusofonia: convergências e divergências

Kajim Ban-Gala

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/1234>

DOI: 10.4000/ras.1234

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 147-148

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Kajim Ban-Gala, « Breve ensaio sobre lusofonia: convergências e divergências », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 7 | 2011, posto online no dia 13 outubro 2016, consultado no dia 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/1234> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.1234>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.

© SASO

Breve ensaio sobre lusofonia: convergências e divergências

Kajim Ban-Gala

NOTA DO EDITOR

Texto pedido ao autor.

- 1 Ao começar a estruturar este texto tive em conta, talvez, dois aspectos. Um: que a lusofonia, tal como a angolanidade (é um exemplo) ou a bantuofonia são conceitos baseados em manifestações de sociabilidade. Acontece que, por razões que por ora vamos adiar, o factor comunicação emergiu ultimamente a propósito da criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).
- 2 Há quem defenda, por seu lado, que estes conceitos se relacionam com o carácter da nacionalidade dos indivíduos. No plano geral, têm a ver igualmente com os seus provérbios, lendas e histórias transmitidas de geração em geração. Há ainda que acrescentar uma filosofia de vida característica de povos e suas origens.
- 3 As minhas notas sobre a CPLP, algumas perdidas e outras resgatadas, foram publicadas ou lidas em diferentes jornais de diferentes países. Confesso piamente que não sei dizer como procederei desta vez para acrescentar mais qualquer coisa ao convencimento do leitor. Não pretendo redigir um texto à guisa de confessionalário.
- 4 Mais do que a língua portuguesa, essa organização tri-continental visou na sua génese criar um mercado de transacções comerciais – em que Angola, dadas as suas peculiaridades materiais, tidas como ainda por explorar em grande medida, era, pois, um alvo a conquistar.
- 5 Isso levou a mim e a outros observadores, a duvidarmos da real orientação da CPLP. Desde logo porque o processo que conduziu à sua constituição em organização propriamente dita começou inquinado: em alguns países, soube-se da sua fundação às

vésperas. Mas os governos, mais do que as sociedades civis dos países membros, estavam com pressa.

- 6 Nascem ideias, morrem ideólogos. A respeito da CPLP, advertimos por diversas vezes que a sua raiz romântica não era razão suficiente para selar um pacto inter-nações. Tem, ademais, contra si, a intangibilidade física, que leva as pessoas a circular e a comunicarem-se intensamente, diariamente.
- 7 Todavia, os partidários da globalização saltaram-nos em cima. A descontinuidade geográfica, atacaram, é facilmente superável nos nossos dias pela velocidade de comunicação proporcionada pelos modernos meios de comunicação e relacionamento via Internet. Começa a partir daqui uma discussão tecnológica, mas também humanista: que é o que, na verdade, está no centro de toda a nossa argumentação?
- 8 A princípio, a CPLP era para ser um pacto político que perseguia, afinal, interesses mercantis. Na escala de valores assumida pela organização, a língua portuguesa aparecia numa cotação em alta, a tal ponto que se tornou o próprio pilar da sua fundação.
- 9 Mas se formos a ver a fundo, tal não corresponde à realidade objectiva da maior parte dos países membros: nenhum dos países, à excepção (ainda assim discutível) do Brasil e de Portugal, têm a língua portuguesa como a língua primária dos seus habitantes.
- 10 Vejamos o segundo aspecto, como mencionei no início. A lusofonia ou a angolanidade ou a moçambicanidade afere-se a partir da observação da prática de um conjunto de manifestações de sociabilidade das pessoas: gostos similares por comidas, o modo de prepará-las e o modo de consumi-las, por música, suas letras e melodias, e a dança – quer sejam colectivas, quer sejam individualizadas.
- 11 O costume de sunguinar é tipicamente africano. Tem a ver com uma quietude crepuscular das aldeias elevada a uma dimensão de lembranças e inquietações metafísicas, que ocorrem não na mesma intensidade ou pelo menos na mesma relação com a vida de um europeu.
- 12 É também como antecipação de boas colheitas e comida farta: no outro ângulo, muito interessante, está ligado ao ritual de iniciação sexual dos jovens. É no súnguno que as conquistas começam a desenrolar-se. No fundo, uma autorização tácita.
- 13 Todas essas manifestações são subsidiárias do tipo físico ou comportamental do indivíduo. Logo: um português não dançará a Njimba se não lha ensinarem e um angolano, o Vira. Um conhecido escritor angolano costuma repetir que não consegue ficar lá fora mais de três dias: tem que voltar, para “recarregar-se” com uma boa funjada.
- 14 Digo, a terminar, que o “capote” da lusofonia não pode servir para suprimir a diversidade étnica e linguística dos países de língua oficial portuguesa. Ou seja: a individualidade da personalidade de cada um não pode ser abolida. Noutro texto já defendi (e relembro aqui) a paridade entre o português e as línguas nacionais de todos.

AUTOR

KAJIM BAN-GALA

Jornalista e escritor. Membro da União dos Jornalistas Angolanos e da União dos Escritores Angolanos. Trabalhou na agência Angola Press e em vários jornais de Luanda. É autor de *O Fervor da Kianda* (Luanda, 1997), menção honrosa do Prémio “Cidade de Luanda”. Recebeu ainda o prémio da Editora Litteris (Rio de Janeiro, Brasil).
dacosta315@yahoo.com.br